

---

## IMAGINÁRIO E PODER: A DINÂMICA DOS GRUPOS LIGADOS A UMA ORGANIZAÇÃO DE FUTEBOL

**José Henrique de Faria**  
Universidade Federal do Paraná

**Francis Kanashiro Meneghetti**  
Universidade Federal do Paraná

**Sumário** 1. Introdução; 2. Metodologia da Pesquisa; 3. Os Discursos na Formação do Imaginário; 4. A Dinâmica dos Grupos na Constituição do Imaginário; 5. O Social-Histórico no Imaginário; 6. O Imaginário e as Relações de Poder na Dinâmica do Futebol; 7. Os Campeonatos Disputados; 8. O Imaginário do Poder e o Poder do Imaginário no Futebol: Por Uma Conclusão. REFERÊNCIAS.

---

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo verificar de que forma as relações de poder se modificam a partir dos imaginários instituídos nos grupos ligados a uma organização de futebol (Clube Atlético Paranaense). Entre os elementos constitutivos desta pesquisa, verificar-se-á importância dos discursos (dito e não dito) na formação do imaginário grupal. Analisar-se-á de que forma as emoções, os sentimentos ambivalentes, a liderança, os conflitos, a auto-imagem e a imagem do outro, as potencialidades imaginárias, os momentos reflexivos, o processo de auto-regulação e o controle social constituem a articulação do imaginário. Buscar-se-á identificar de que maneira o processo social-histórico exerce sua influência no imaginário. Verificar-se-ão as mudanças nas relações de poder entre os grupos envolvidos a partir dos acontecimentos do futebol. Analisar-se-á de que forma as expectativas imaginárias estão presentes nos campeonatos disputados no período estudado e o desenvolver das relações de poder entre os grupos ante as seqüências de sucessos e fracassos na realização dos objetivos. Por fim, demonstrar-se-á que as relações de poder, assim como os imaginários grupais, são únicas, devendo ser contextualizadas em sua época e em situações concretas específicas.

**Palavras-Chave:** Imaginário; Relações de Poder; Teoria das Organizações; Futebol.

## ABSTRACT

The main objective of the research job done on Clube Atlético Paranaense is to understand how relationships of power can change depending on the imaginary settled in groups related to a soccer organization. The research was mainly focused on the dynamics of the creation of such imaginary within the Clube Atlético Paranaense soccer club. Among the objects of this research it was possible to observe the importance of speeches (said and not said) in the formation of collective imaginary. We analyzed how the articulation of the imaginary stems from emotions, ambivalent feelings, leadership, conflicts, self-image, other's image, creative potentialities, moments of reflection and the process of self-regulation, and social control. We sought to identify in which way the social-historical factor influences this imaginary and the changes in the relationships of power among the groups related to the soccer events. We observed how the expectations projected from the imaginary are present in the soccer tournaments during the period studied and in the development of the relationships of power among the groups facing sequences of soccer organization's successes and defeats. Finally, the research revealed that the relationships of power, as well as the collective imaginary, are singular, and must be contextualized within its time and in specific and concrete situations.

**Key-words:** Imaginary; Relationships of Power; Organizational Theory; Soccer.

## 1. INTRODUÇÃO

O futebol está presente no cotidiano de quase todos os brasileiros. Este esporte tem a capacidade de apaixonar multidões no mundo todo, incentivando discussões calorosas, no decorrer das competições, sobre os resultados, a competência das equipes, as atitudes dos jogadores, a política de contratações, as ações e atitudes dos dirigentes, as arbitragens, os comentários e a neutralidade exigidos da imprensa esportiva, a competência dos técnicos (treinadores) e suas respectivas comissões técnicas. É na dinâmica da execução das competições que está presente o imaginário dos grupos que compõem o ambiente futebolístico. Os grupos envolvidos – diretoria, jogadores, comissão técnica, imprensa e torcedores – quase sempre imaginam o mesmo fim: que a seqüência de resultados os levem às conquistas dos campeonatos dos quais participam. Contudo, no desenrolar das competições, cada grupo distinto está almejando alcançar propósitos próprios, imaginados e vividos anteriormente. A busca destes propósitos pelos grupos distintos – por exemplo, o jogador pela busca da fama e dinheiro, os dirigentes pelo lucro dos clubes, os torcedores pelo sentimento de vitória, a imprensa pelo reconhecimento do seu público, a comissão técnica pela competência – leva, dentro das competições e como consequência dos resultados obtidos, a uma dinâmica de relações de poder entre estes grupos. Assim, o futebol é o local da busca por um resultado em comum; entretanto, é também a realização dos desejos e projetos singulares. Quando um time entra em campo, não está em jogo só o interesse material; o que prevalece são os interesses simbólicos, vividos diferentemente pelos indivíduos e pelos grupos. No entanto, todos se vinculam a um só ideal: realizarem os seus desejos, concretos e imaginários, a partir da realização imaginária do desejo do clube.

Assim, o futebol é uma forma de manifestação social que representa as relações de poder presentes na sociedade, sendo o local ideal para o estudo do imaginário e da dinâmica dos grupos ligados a ele. Estudar as relações de poder é, antes de tudo, procurar compreender como se estabelecem as relações e os controles sociais, a organização da sociedade na forma de grupos sociais e agrupamentos que buscam atingir objetivos comuns, que somente através de associações coletivas

podem ser concretizados. Estudar o imaginário, em congruência com as relações de poder, é partir para além do visível, do reconhecimento imediato das relações entre os indivíduos e os grupos sociais. Reconhecer os desejos, as fantasias, os sonhos compartilhados por uma coletividade é reconhecer a presença do simbólico como forma atuante na criação de representações inconscientes imaginárias, capazes de influenciar de forma significativa as relações sociais.

## 2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa é um estudo de caso *ex-post-factum* seccional com avaliação longitudinal e valer-se-á de abordagem descritivo-qualitativa. O nível de análise é organizacional, sendo a unidade de análise os grupos diretos – jogadores, comissão técnica, diretoria – e indiretos (vinculados ao ambiente da organização) – imprensa e torcedores. As literaturas adotadas para o desenvolvimento metodológico da pesquisa são: Yin (1989, p. 23), Klinger (1980), Triviños (1987), Richardson (1999) e Sellitz; Wrightsman (; COOK (1987).

A organização estudada foi o Clube Atlético Paranaense, escolhido de forma intencional. Sua escolha deve-se ao fato de que o clube está entre os mais importantes em competições, com representatividade nos âmbitos estadual, regional e nacional. Os campeonatos analisados foram: (i) Estadual: Campeonato Paranaense (primeiro semestre de 2001 – 23 jogos realizados); (II) Regional: Copa Sul-Minas (primeiro semestre de 2001 – 6 jogos realizados); (III) Nacionais: Copa João Havelange (segundo semestre de 2000 – 26 jogos realizados); Copa do Brasil (ano de 2001 - 7 jogos realizados).

A coleta de dados foi realizada por meio de fontes secundárias: análise documental e dados obtidos de jornais, programas de rádios, programas de televisão, *sites* da internet de conteúdo esportivo. Estes meios eram direcionados aos comentários esportivos, análises e opiniões dos diversos indivíduos que compõem os distintos grupos relacionados com a prática futebolística. Esses dados foram utilizados para verificar: (i) como o imaginário se perpetua nos grupos; (ii) como se deram as seqüências de resultados; (iii) de que forma as relações de poder se manifestam diante dos acontecimentos e fatos do cenário futebolístico.

Os dados foram coletados nas seguintes fontes: a. Jornais estaduais: Gazeta do Povo, Tribuna do Paraná e Diário Popular (período entre julho de 2000 a julho de 2001); b. Jornais nacionais: Jornal O Lance e Gazeta Esportiva (período entre julho de 2000 a julho de 2001); c. Páginas da Internet: Furacão.com, Furacão3000, Futbrasil.com, Pelé.net, AtléticoPR.com – página oficial do Clube Atlético Paranaense (período entre julho de 2000 a julho de 2001); d. Programas de Rádio: CBN jogo, CBN esporte, Rádio Capital (gravações efetuadas antes, durante e depois de cada jogo, totalizando 54 horas); e. Programas de Televisão: Mesa Redonda – CNT, Cartão Verde – TV Cultura, Super Técnico – TV Bandeirantes, Camisa 12 – TV Paranaense (gravações efetuadas antes, durante e depois de cada jogo, totalizando aproximadamente 18 horas); f. Revistas especializadas em futebol: Placar, Los3inimigos.

Os dados coletados apresentam os seguintes conteúdos: (i) Informações diversas (técnica, política e econômica) sobre a organização Clube Atlético Paranaense; (ii). Entrevistas com dirigentes, jogadores, torcedores, árbitros, chefes do policiamento e comentaristas esportivos; (iii). Análises estatísticas e enquetes; (iv). Comentários dos resultados dos jogos; (v). Crônicas e charges esportivas; (vi). Curiosidades do futebol.

Os dados coletados sofreram uma análise descritivo-qualitativa. Os dados secundários foram analisados segundo algumas técnicas descritas por BARDIN (1979) e FAIRCLOUGH (2001). Através do estudo de abordagens da análise do discurso, procurou-se desenvolver uma abordagem que tem como objetivo investigar as mudanças sociais e estruturais da sociedade. Assim, a

análise do discurso deve focalizar a estruturação ou os processos articulatórios na construção dos textos e na constituição em longo prazo de “ordens de discurso”. Tanto as técnicas de análise do discurso utilizadas por Bardin (1979), quanto por Fairclough (2001), representam um importante instrumento para análise do imaginário e das relações de poder, através do qual é possível identificar a presença de sentimentos, emoções e desejos, e também discursos elaborados a partir de uma racionalidade. Com a interpretação dos pesquisadores, foi possível identificar redes imaginárias criadas na sociedade e, conseqüentemente, relações de poder.

### 3. OS DISCURSOS NA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO

A formação imaginária dos grupos ligados a um clube de futebol não se conclui sem a influência da mídia. A mídia é responsável, como afirma Debord (1997), pela espetacularização da sociedade, assim como pela articulação de formas de vigilância do imaginário social (MORAES, 1994). Sua importância no futebol é singular, pois é através dela que este esporte se reproduz no meio social, criando-se e recriando-se nas dimensões do imaginário social.

Observa-se que cada meio de comunicação tem sua particularidade, mas, apesar disso, é importante observar que os discursos não são proferidos livremente. É possível verificar que existem discursos permitidos nos grupos específicos. Para avaliar e classificar quais são eles, utilizou-se o trabalho de Faria e Meneghetti (2001), chegando-se a um quadro resumo:

**Quadro 2 – As Formas Discursivas e suas Práticas nos Grupos**

Formas Discursivas/ Grupos	Discurso Social Comum	Discurso Ideológico Propriamente Dito	Discurso Democrático Reflexivo	Discurso Mítico	Discurso Teleológico
Diretores	Permitido livremente	Permitido livremente	Tolerado parcialmente	Permitido livremente	Permitido livremente
Comissão Técnica	Permitido livremente	Permitido livremente	Tolerado reduzidamente	Permitido livremente	Permitido livremente
Jogadores	Permitido livremente	Permitido livremente	Tolerado reduzidamente	Permitido livremente	Permitido livremente
Imprensa	Permitido livremente	Permitido livremente	Permitido parcialmente	Permitido livremente	Permitido livremente
Torcedores	Permitido livremente	Permitido livremente	Permitido livremente	Permitido livremente	Permitido livremente

A dinâmica dos grupos e as atribuições inconscientes na formação do imaginário criam padrões discursivos de naturezas diversas, podendo ser: o ato discursivo dispersivo, de resistência e consensual.

O ato discursivo dispersivo é aquele em que os membros envolvidos se recusam a discutir um determinado tema presente no momento. Os motivos podem ser variados: o medo da discussão, o desconhecimento do tema, a exposição ao ridículo, a incapacidade emocional dos membros, a negação, a imaturidade, etc. É comum encontrar esta prática discursiva nos grupos ligados ao futebol quando um atleta vai jogar no exterior e não se adapta, quando a grandiosidade do clube é questionada, quando no momento das derrotas uma parcela dos atletas nega a inferioridade técnica do time em relação ao adversário, quando os comentaristas apresentam-se como depositários da razão, negando o desconhecimento por determinados assuntos, etc. Assim, esta classificação do ato discursivo é comumente praticada no dia-a-dia, mas sempre de forma sutil, muitas vezes imperceptível.

Os argumentos apresentados nestas situações sempre são insuficientes e raramente respondem às indagações feitas. Desviar-se do assunto e descentrar o tema da discussão são as principais estratégias dos interlocutores da ação comunicativa. Estas atitudes, de certa forma, são manifestações de impotência dos indivíduos e dos grupos em lidar com determinados temas que fogem a suas capacidades racionais e emocionais, através dos processos reflexivos e críticos. Dentro das formas discursivas, é mais comum encontrar as de práticas discursivas permitidas, principalmente o discurso teleológico e social comum. Não quer dizer que os discursos mítico e ideológico propriamente dito não se enquadrem nesta situação, mas, em comparação com os dois primeiros, são praticados reduzidamente dentro do ato discursivo dispersivo. A forma do discurso social comum, ou seja, o discurso cotidiano que obedece aos lugares comuns e é responsável pelo compartilhar das crenças e valores, é a aceitação e a formação de uma realidade comum, compartilhada pelos indivíduos de um grupo. Assim, quando um tema que coloca a lógica dominante (vínculos que ligam os indivíduos, o projeto comum, as identificações sociais) em questão é abordado, quase imediatamente há a prática de uma ação comunicativa

dispersiva. A forma do discurso teleológico, por apresentar as razões de causa e efeito das situações e procurar explicar e justificar os acontecimentos (nem sempre adotando a reflexão), é uma forma que se enquadra com certa facilidade na classificação do ato discursivo dispersivo; porém, é possível perceber que isto não ocorre de maneira tão explícita quanto no discurso social comum. Nesta classificação, o que ocorre é uma fuga da discussão do tema através da utilização de argumentos que, em si mesmos, fogem do tema central: as justificativas e explicações acabam por deslocar o que realmente deveria ser o centro da discussão. Esta foi uma prática encontrada nas discussões cujos temas foram: o preço dos ingressos, a expectativa de estreia de um novo jogador, o término da construção do estádio, a política financeira do clube, etc. Na forma mítica, o ato discursivo pode ser caracterizado como dispersivo. No entanto, é importante lembrar que o próprio mito, conforme afirmam ADORNO e HORKHEIMER (1985), já é esclarecimento. Quando as figuras mágicas e míticas possibilitam comparações e reflexões com os acontecimentos da realidade, já estão, na verdade, evitando a fuga da discussão.

Aspecto semelhante ocorre com a forma ideológica propriamente dita. Mesmo que a ideologia dominante seja capaz de articular as relações concretas a partir das instâncias imaginárias (ALTHUSSER, 1999), a sua presença proporciona o surgimento da contradição, que se move sempre no sentido inverso da dominação: eis aí a fuga do discurso dispersivo. Entretanto, é coerente reforçar que o surgimento de um pensamento contrário quase sempre é inferior ao pensamento dominante (e ideológico).

A forma do discurso democrático reflexivo raramente enquadra-se na classificação do ato discursivo dispersivo. Por entrar no cerne das discussões, provocando a reflexão e o pensamento crítico dos temas abordados, dificilmente possibilita o ato discursivo dispersivo.

Portanto, é possível afirmar que, em geral, o ato discursivo dispersivo, no que se refere à sua capacidade de instituição imaginária nos grupos sociais, possui tendência maior em reproduzir as relações concretas e simbólicas praticadas. O "não entrar" no núcleo do tema apresentado, através do desconhecimento do tema, do medo da discussão, da incapacidade emocional etc., "estagna" o universo simbólico que compõe o imaginário. Seu

engessamento possibilita, apenas, a perpetuação das relações sociais. Não há uma efetiva troca simbólica a partir da discussão crítica dos assuntos em questão.

O ato discursivo de resistência é o que promove a reprodução imaginária, negando qualquer tipo de discurso que possa transgredir o imaginário instituído. Esta forma do discurso pode ser verificada quando na acomodação da maioria dos membros, mais precisamente da elite do grupo. Apesar de possuir características semelhantes ao ato discursivo dispersivo, é relevante fazer algumas considerações.

Quando se fala em resistência, conclui-se que efetivamente haja uma disputa, com pelo menos duas posições contrárias. Assim, é possível afirmar a presença dos conflitos e das disputas. Contrariamente ao ato discursivo dispersivo, o de resistência pressupõe a presença de níveis diferenciados de concepções concretas e simbólicas (portanto, imaginárias) compartilhados por grupos distintos. Há, desta forma, mais de um imaginário instituído. O que ocorre é que existe um imaginário comparativamente mais representativo do que outro. Esta presença de mais de uma forma de imaginar o mundo já é uma possibilidade de modificação. Através da presença dos contrários é que as relações imaginárias se modificam, pois cada imaginário contém o seu oposto.

O ato discursivo de resistência é dominado pela forma discursiva ideológica propriamente dita. Dentro do futebol, a prática deste ato é comum entre as elites dos grupos. Parece natural que seja assim, já que elas estão nos pólos das relações. Pela necessidade de desenvolver argumentos significativos para justificar as suas ações, o discurso teleológico, muitas vezes, está a serviço desta forma de ato discursivo.

Com menos intensidade, as formas de discurso social comum e mítica enquadram-se nesta situação. Quando estas formas são utilizadas como argumentos que possibilitam as mudanças imaginárias, através do ato discursivo de resistência, há uma natural subordinação delas para contribuir para a reprodução das relações sociais e materiais. Assim, é possível afirmar a existência da manutenção do imaginário instituído no plano social. Ao mesmo tempo, existe a presença do germen da contradição, que possibilita uma possível modificação das relações simbólicas e concretas.

Na forma do discurso democrático reflexivo, é possível verificar duas possibilidades: (i) quando a prática democrática e reflexiva sobre determinado tema legitima a realidade e valida ações de determinado grupo e (ii) quando clama por modificações das ações deste mesmo grupo. Há a neutralidade proporcionada pela essência do discurso democrático reflexivo: a razão não pertence a ninguém devido a uma convenção. Aqui se encontra o imaginário no seu limiar da mudança. Apesar de perdurar um imaginário compartilhado nos grupos, qualquer contato com as formas discursivas democrático-reflexivas desencadeia a modificação das concepções engendradas no coletivo. Portanto, é a forma do discurso democrático reflexivo que possibilita, com maior visualidade, as modificações do imaginário dos grupos; entretanto, deve-se considerar que esta forma discursiva questiona todas as estruturas sociais e simbólicas que a sociedade vivencia.

No ato discursivo consensual, é possível verificar pontos divergentes que, contudo, são negociados e aplicados mediante um acordo entre os membros que dele participaram. O poder é um forte instrumento utilizado nos processos de negociação. Desta forma, o imaginário é modificado de forma mais natural. Este ato discursivo difere do de resistência porque não é regido pela lógica explícita do conflito. Poder-se-ia dizer que suas características vão ao encontro da dinâmica da ação comunicativa de Habermas (1976, 1989, 1990, 1994). O que Habermas propõe é uma ação comunicativa isenta de ideologias específicas, que atenda particularidades individuais ou grupais, havendo necessidade do agir, orientando-se para o entendimento mútuo, na busca do consenso.

Esta forma seria a prática ideal dos discursos. Contudo, é inquestionável que existam relações de conflito no cotidiano. Este ato discursivo, apesar de configurar como o ideal e utópico, pode ser percebido em algumas situações específicas. Mesmo no futebol, esporte das contradições de todos os gêneros, só em alguns poucos momentos pode se perceber a busca pelo ato discursivo consensual. Quase sempre este ato é alimentado pela forma discursiva democrática reflexiva. Pelo seu caráter universalizado do uso da palavra e pela busca incessante de respostas baseadas na razão é que sua regência está alicerçada no pensamento crítico e reflexivo.

As demais formas discursivas (social comum, ideológica propriamente dita, mítica

e teleológica) possuem alcance insuficiente para legitimar este ato discursivo. As características parciais dos argumentos proporcionam, apenas, relações esporádicas destas formas discursivas na composição do corpo do ato discursivo consensual.

As modificações imaginárias, portanto, quase sempre são transformadas após o ato discursivo consensual. Isto acontece porque, no momento presente, sempre estão impostas relações desiguais e que necessitam ser alteradas entre os grupos. A essencialidade das mudanças imaginárias, a partir deste ato discursivo, está na própria dinâmica dialética do imaginário.

#### 4. A DINÂMICA DOS GRUPOS NA CONSTITUIÇÃO DO IMAGINÁRIO

Entre os autores que serviram de base teórica para a discussão com o empírico, destacam-se os estudos de Freud (1996), Neri (1999), Kernberg (1997), Anzieu (1993), Zimmerman (1997a; 1997b; 1997c), Enriquez (1997), Damásio (1996; 2000). Os elementos mais significativos para a composição da dinâmica do imaginário são:

- i. As emoções positivas e negativas e a identificação coletiva por meio da emoção nos momentos marcantes que ocorrem no futebol: os dados apontam os clássicos e as conquistas dos campeonatos como momentos de intensa manifestação das emoções. Nestes fatos históricos o despertar das emoções atua como fator contagiante e importante para o partilhamento de imaginários comuns.
- ii. Os sentimentos ambivalentes: amor e ódio por jogadores, dirigentes, imprensa, árbitros de futebol, técnicos, adversários, pares, etc. são importantes para a articulação do imaginário com a realidade concreta. Os sentimentos ambivalentes servem como "combustíveis" para as transformações objetivas e subjetivas dos indivíduos e grupos.
- iii. A liderança no grupo: cada grupo envolvido na dinâmica cria e destrói seus líderes. Jogadores, técnicos, dirigentes, são "colocados" e "retirados" como lideranças. As vitórias e as derrotas são as motivações para se amar ou odiar os líderes. A liderança não pressupõe um lugar seguro. Ao contrário, é sempre local de contestação.

iv. Os conflitos nos grupos: vitórias e derrotas são os principais motivos de conflitos entre grupos. Entretanto, observa-se que outras temáticas ligadas à psicossociologia do esporte são importantes na definição dos conflitos.

v. A auto-imagem, a imagem do outro e suas potencialidades imaginárias: cada grupo cria uma imagem de si e dos outros. Nem sempre estas imagens são "verdadeiras" ou correspondem à realidade. A fantasia, a incerteza inerente ao futebol, o místico são importantes definidores das potencialidades individuais e coletivas. Ficou, contudo, evidente que as realizações concretas são importantes na constituição das imagens individuais e coletivas.

vi. Os momentos reflexivos e o processo de auto-regulação: a realidade dita as articulações imaginárias. A forma como ocorrem as desclassificações dos campeonatos, as derrotas nos jogos importantes, as transferências dos ídolos, são momentos que produzem, invariavelmente, reflexões. Surge daí desavenças e associações. Os momentos reflexivos são os momentos da introspecção, em que cada grupo reavalia as ações de si e dos outros.

Analisados os elementos que compõem a dinâmica dos grupos é possível afirmar que há o fomento do imaginário estável, consensual, e transgresso.

Os grupos, como se pôde perceber, são singulares nas suas características. Não existe igualdade entre eles. Compostos por indivíduos, suas individualidades são fundamentais para a forma como as emoções e os sentimentos contribuem na formação dos vínculos grupais, na aceitação da liderança, no estabelecimento dos conflitos, na internalização dos controles sociais e no aparecimento dos momentos reflexivos. Tais itens, abordados neste estudo, não são suficientes para esgotar os elementos que engendram a dinâmica dos grupos. Entretanto, são importantes dentro do estudo elaborado. Todos os grupos estudados têm sua prática integrada, relacionada ao contexto externo. Tendo cada situação única e específica, as interações dos grupos não podem ser caracterizadas como generalizáveis, sujeitas às formulações de padronizações comportamentais. Os grupos são singulares e o contexto que os envolve é sempre um momento único. A interação sustenta as explicações para a dinâmica dos grupos.

Outra observação pertinente refere-se à aceitação da capacidade dos grupos em estabelecer momentos reflexivos. Toda reflexão é uma situação única que envolve as racionalidades e a dimensão subjetiva dos indivíduos e, conseqüentemente, dos grupos. A decisão do coletivo gera explicações e expectativas que transpõem as simples justificativas racionais. A dimensão inconsciente é uma parte da modificação que transformará os grupos na sua forma de agir e criar as racionalidades.

Nos levantamentos empíricos realizados na pesquisa, identificou-se que no futebol, cada situação é única. Os atletas que compõem o grupo de jogadores, a comissão técnica, os diretores vivenciam um momento único quando o jogo é uma decisão ou uma final de campeonato, por exemplo. Evidentemente, o contexto influencia na forma como cada um vive aquele momento específico da partida decisiva. Quando a partida se encerra, não há como modificar o resultado, seja ele de sucesso ou de fracasso. A imprensa narra e comenta o jogo como o "grande momento decisivo". Dali saem os "heróis" e "vilões" na concepção da torcida. Nenhum grupo é o mesmo. Emoções e sentimentos tomam conta da atmosfera imaginária, gerando racionalidades possíveis para justificar a vitória ou a derrota. Os conflitos são esquecidos ou ressurgem na mesma proporção dos sentimentos de superioridade ou inferioridade que, inevitavelmente, manifestam-se nos torcedores. Novos vínculos surgem e determinam quais são os novos ídolos, aqueles responsáveis por justificarem a grandeza, tal como os diretores e torcedores concebem o seu clube.

Do outro lado, aos derrotados resta encontrar argumentos suficientes para tentar explicar o resultado. Invariavelmente, surgem os culpados, que podem ser do grupo dos jogadores, que não honraram a camisa do clube, da comissão técnica, que não tem qualificação suficiente, ou da diretoria, que não soube fazer as contratações ideais. Nenhum destes grupos, contudo, dirá isto de si, atribuindo o resultado à probabilidade de qualquer jogo. Outras justificativas, tais como culpar o árbitro pela derrota, servem como argumentos de consolo, porém, raramente são suficientes para acalmar os ânimos daqueles que sentem a dor da derrota. As modificações são constantes e o imaginário é responsável por isso. Assim, ao invés de afirmar que existem classificações possíveis para justificar a natureza ativa da forma como o imaginário se modifica a partir da dinâmica dos grupos, toma-se mais coerente

apresentar características que classifiquem as formas como o imaginário se modifica.

O imaginário estável é quando se tem a percepção de que nada modifica, ou seja, os grupos atuam para a reprodução das relações concretas e abstratas. Os discursos que prevalecem são os discursos social-comuns. São reconhecidamente os períodos caracterizados como calmos, em que tudo parece ocorrer com tranquilidade. As respostas parecem ser suficientes; as emoções e os sentimentos são considerados "agradáveis" para o momento. Os conflitos são considerados praticamente inexistentes; a sensação que se tem é de que tudo está sob controle. Nesta situação, os papéis sociais são desempenhados dentro da expectativa imaginária dos grupos. Pode-se afirmar que há a percepção de imobilidade e que o mundo imaginário não se modifica. Prevalece o momento de pouca reflexão nos grupos. Vale ressaltar, porém, que não há imaginário estático. Mesmo que as mudanças pareçam imperceptíveis, sempre há transformação de sentimentos, estabelecimento de novos vínculos e associacionismo entre líderes e liderados.

Nos momentos analisados na pesquisa, alguns correspondem a esta característica: quando os resultados dos jogos correspondem às expectativas imaginárias dos grupos; quando os jogos não são os clássicos; nas partidas decisivas e nas finais; quando as emoções e sentimentos correspondem às racionalidades apresentadas. Normalmente, nos períodos em que prevalecem as reproduções imaginárias, as mudanças são consideradas inexpressivas, isto porque o futebol é considerado como a busca pelas "emoções fortes". Entre os momentos que se encaixam nesta classificação, estão aqueles de seqüência de resultados que expressam a lógica para os grupos: o andamento das competições em que os jogos não são considerados decisivos e os resultados correspondem à expectativa imaginária dos grupos.

O imaginário consensual caracteriza-se pelas modificações imaginárias compartilhadas pelos grupos. Há uniformidade no pensamento grupal quanto à necessidade de modificação das ações e formas de pensar dos grupos. A dinâmica da mudança ocorre pela necessidade de se adaptar às novas exigências que a racionalidade e a subjetividade do coletivo apresentam. Sua natureza dinâmica está voltada para as alterações através dos processos de consenso mútuo, apesar da



existência de divergências. O conflito intragrupal não é o elemento central do processo de modificação. A convergência é o princípio central entre os grupos. O processo reflexivo ocorre sem colocar a estabilidade da coesão grupal em perigo. A utilização dos argumentos serve como mediadora na busca pelo entendimento mútuo. As intencionalidades das ações tanto podem ser lícitas, quanto não lícitas. O que as distingue das outras formas é capacidade de um "acordo" que traz benefícios visíveis para as partes interessadas. As modificações são vistas como normais e necessárias. São representadas pelos momentos em que as seqüências de resultados correspondem às expectativas imaginárias dos grupos. Situações como troca dos técnicos, contratação ou venda de jogadores e modificação política na hierarquia do clube, podem se enquadrar nesta classificação, desde que correspondam à vontade da maioria. As críticas e as divergências de opiniões não ganham expressividade porque o número de indivíduos que compartilham de tais idéias é bem menor do que o número dos que legitimam o imaginário instituído.

O imaginário transgressor refere-se às intensas modificações das racionalidades e das "imagens" grupais. Percebe-se que a dinâmica dos grupos é intensificada pelo surgimento de sentimentos exagerados e ambivalentes. As emoções ganham proporções intensas e únicas. Os vínculos são reavaliados e as posições de líderes e liderados restabelecidas. A reflexão se toma a única forma de recolocar os grupos na possibilidade de retorno à ordem e à coesão grupal. A auto-imagem, a imagem do outro e as potencialidades são reavaliadas para dimensionar uma proximidade maior com a realidade concreta, sem as formações ilusórias, próprias nos grupos. Quase sempre correspondem aos momentos de intensos conflitos, em que as ideologias específicas divergem na busca de melhor atendimento aos interesses de cada grupo. A forma discursiva praticada com maior intensidade é o discurso democrático-reflexivo. Sua prática deve-se à necessidade de evitar sentimentos obstrutivos e procurar reencontrar a coesão social e a realização do projeto comum. Entre os momentos significativos, encontram-se os clássicos, os jogos de decisão, as trocas de alguns técnicos, a incredulidade em relação aos dirigentes do clube. É importante lembrar que o imaginário transgressor é uma forma de romper com os fatos simbólicos do universo abstrato do imaginário e com as práticas reais que levam à formação de um universo imaginário. As mudanças são

características intrínsecas a esta classificação.

Com a definição das três possibilidades de como o imaginário forma sua dinâmica a partir da dinâmica dos grupos, é possível reafirmar que cada situação envolve uma instituição do imaginário grupal diferenciada e singular, de acordo com as características do momento específico. Destarte, verifica-se a possibilidade de classificar a dinâmica do imaginário e não as características instituídas desta, isto porque cada contexto e cada característica do grupo envolvido não se repetem duas vezes. A modificação do imaginário grupal é sempre expressa na mudança imaginária social-histórica, tal como aponta Castoriadis (1982, p. 201-258). Os indivíduos são responsáveis por estas mudanças por adotarem uma postura ativa na transformação da história e na formação da sua consciência. É nas representações íntimas e abstratas, bem como nas relações reais e concretas, que a sociedade forma e reproduz sua expressão de vida. Sua natureza social faz agregar as dimensões conscientes e inconscientes em um universo comum, compartilhado e reproduzido através das responsabilidades de criar sua própria história. Cada modificação do contexto compõe uma série de outras mudanças: dos indivíduos, dos grupos aos quais eles pertencem e da sociedade. A interatividade é o objeto de transformação: a colisão entre o universo subjetivo e objetivo.

Portanto, pode-se afirmar que os grupos são fontes de interligação entre o plano individual e o social para os indivíduos. Suas dinâmicas, isoladas e únicas, são fundamentais na transformação das relações reais e imaginárias através da interatividade. O sujeito é transformador de seu mundo e, para isso, dispõe da sua capacidade reflexiva, que se movimenta, como ensina a teoria crítica, sempre na direção do esclarecimento e da emancipação.

## 5. O SOCIAL-HISTÓRICO NO IMAGINÁRIO

Levando em consideração as reflexões de Eagleton (1997) e Althusser (1999), a ideologia do imaginário é o conjunto de idéias, simbologias, signos e imagens, expressas nas concepções objetivas e subjetivas de uma sociedade em determinado contexto histórico. Uma de suas características é influenciar na forma como o "mundo" é percebido e aceito pelos indivíduos e pelos grupos. Sendo a realidade impossível de ser concebida na sua

totalidade, as formações de imagens tornam-se o melhor mecanismo para conceber o todo. Entre as ideologias que caracterizam o imaginário, duas são significativas na influência que exercem na atualidade: a ideologia econômica capitalista e a ideologia religiosa. É importante lembrar que FREUD (1999) define que as origens dos processos de divinização e de mitificação vêm antes da formação religiosa tradicional; são manifestações naturais do coletivo na formação e coesão das sociedades. A evolução do enquadramento dos rituais adquire sua expressão máxima nas sociedades mais atuais, em que a religião torna-se organizada e impõe sua dominação ideológica sobre seus seguidores. É possível identificar de que forma estas duas concepções ideológicas influenciam o futebol no seu cotidiano e formulam uma caracterização na sua formação imaginária: a ideologia econômica pela convicção de que algum dia um contrato milionário será assinado com um grande clube internacional; a ideologia religiosa pela ormação de grupos de atletas ligados a crenças e igrejas (Atletas de Cristo, por exemplo). Desta forma, não há como escapar da compreensão da sociedade sem a influência da ideologia. Nem mesmo categorias como espaço e tempo estão isentas da influência da ideologia, que na sua origem tem a realidade como limite. Avaliando os acontecimentos no período analisado é possível afirmar que o tempo e o espaço imaginários são, portanto, elementos constitutivos do caráter social-histórico da instituição imaginária individual e coletiva. Sua presença é manifestada pelo motivo dos fatos e acontecimentos serem de natureza dialética. Sua relação é imediata com a memória imaginária porque é por ela que se fazem perceber as características intrínsecas do movimento e da sociabilidade que a envolvem.

Outro elemento importante é a memória imaginária. A memória é necessária para a formulação da consciência (DAMASIO, 2000, p. 150). Representações do passado compõem a formação social da mente pelo processo de incorporações de signos compartilhados por uma sociedade (VIGOTSKI, 1999, p. 51). Afirma-se, portanto, que a memória é formada por signos que são expressos no âmbito coletivo e que propiciam a formulação da consciência individual. Contudo, o homem é um ser social e, para expressar sua sociabilidade, necessita compartilhar seus símbolos pela convivência interativa.

No futebol, a história se forma através da memória compartilhada entre os

diversos grupos que compõem o seu universo. Cada grupo tem uma interpretação da realidade vivida e a transforma em símbolos que irão compor sua memória, que se manifestará pelas lembranças do passado. Por isso, as "histórias e lendas existem em profusão quando se fala de futebol. Seria impossível abordá-las por completo, bem como contemplar todos os enfoques possíveis, em espaço tão curto. Aliás, mesmo com grande espaço, isso se tornaria impossível. A riqueza desse esporte é tão grande que, atualmente, estudiosos de todo país (e do mundo, por certo) têm dedicado suas vidas a estudá-lo" (MELO, 2000, p. 27-8).

Vários são os acontecimentos que formam a memória imaginária do futebol. Cada grupo, à sua maneira, conta sua experiência de acordo com a sua realidade presenciada ou contada ao longo do tempo. As deformações, expressas pelas limitações de compreender e guardar na memória os símbolos dos acontecimentos específicos, são os principais entraves dentro da lembrança possível. Compreender a realidade requer interpretar a totalidade pela consciência. Sabendo da impossibilidade de se conhecer a totalidade, os indivíduos e a sociedade utilizam-se de meios que possibilitem armazenar sua história, dando significado à continuidade da sua existência como sociedade. Destarte, lendas e contos são reproduzidos como uma forma de preservar e legitimar a continuidade de um imaginário compartilhado e como maneira de regular e dar prosseguimento às relações materiais praticadas.

Analisando a formação da memória imaginária, podem-se fazer algumas observações:

- i. Os fatos concretos são interpretados de forma parcial, limitada pela consciência do indivíduo em não conseguir visualizar o todo;
- ii. A memória imaginária se forma de modo diferenciado em cada grupo, levando-se em consideração a particularidade da dinâmica do grupo;
- iii. O futebol se afirma como exemplo significativo na formação da memória imaginária coletiva, isto é, suas "histórias" calcificam-se na mente coletiva que compartilha das racionalidades, expectativas, sentimentos e emoções que se tornam comuns;

- iv. A natureza social-histórica da memória imaginária é decorrência da formação de uma atmosfera que se institui e manifesta-se como forma de lembranças comuns, normalmente exageradas ou diminuídas nas suas descrições;
- v. A memória imaginária é formada a partir de uma ideologia pré-existente, o que não implica cair no determinismo de tais características ideológicas;
- vi. Quem faz manifestar a memória imaginária são as necessidades conscientes e inconscientes dos indivíduos ou grupos que, de alguma forma, necessitam buscar respostas para as realizações dos seus objetivos.

Desta forma, a memória imaginária configura-se como uma manifestação social necessária para que os indivíduos, os grupos e a sociedade se reconheçam dentro do processo social-histórico do mundo. Assim, sua compreensão implica no auto-conhecimento das potencialidades e das limitações das instituições. Mesmo dentro de uma tendência de exacerbação ou diminuição dos fatos, é necessário conhecer a evolução histórica do futebol dentro da emancipação da sociedade. Portanto, cabe aos membros da sociedade perceber a necessidade de se reconhecer como elementos integrantes e modificadores da sua própria história.

O processo de mistificação e mitificação no imaginário exerce influência singular. Sobretudo por relacionarem aos aspectos subjetivos. Estudar como se institui o ídolo, o herói e o mito dentro dos grupos e suas influências frente à instituição do imaginário coletivo é um passo determinante para compreender a natureza social-histórica do que Castoriadis (1982) chama de instituição imaginária da sociedade. Isto é corroborado porque os "eventos de massa necessitam de heróis, ídolos, mitos para fortalecer a identidade e a relação entre os fãs e o acontecimento. Eles são, em última instância, referenciais para a comunidade. Na figura do ídolo, encontram-se agrupadas várias representações distintas da coletividade" (HELAL, 1997, p. 76).

A mistificação é uma forma dos grupos enfrentarem a incerteza e o imprevisível. Mas para isso, os personagens dentro desse processo precisam ser o elo entre o mundo objetivo e os aspectos subjetivos dos grupos. É nesse contexto que os ídolos, os heróis e os mitos surgem para "ajudar" aos grupos a enfrentarem a realidade. Nas análises realizadas, é possível

chegar a algumas considerações: o ídolo está ligado aos grupos em um sentimento constante de apego e confiança; os heróis são os personagens construídos em um determinado momento de dificuldade enfrentada, mas solucionada por ele; o mito é a ligação mais duradoura com o passado, é uma idealização quase que inquestionável. Em todos esses casos identificam-se no clube estudado os "personagens" que, somados, afirmam a existência de um processo de mitificação.

Com estas afirmações, conclui-se que a mitificação é um processo natural que ocorre na sociedade. Sua origem está ligada às necessidades internas individuais e coletivas. Os grupos e a sociedade que procuram compreender sua origem, buscam nos mitos as explicações sobre si próprias. A emancipação, neste processo, não se dá pela tentativa de apresentar o conhecimento do mito atribuindo-o como explicação irracional de uma coletividade, mas sim questionar os porquês da aceitação e da instituição destes como exemplos utilizados nos processos de enquadramentos sociais e exemplos para os indivíduos e os grupos. Assim, a reflexão e a crítica devem estar direcionadas a possibilitar que uma manifestação natural dos grupos e da sociedade seja englobada no processo racional de justificar e explicar os fenômenos coletivos.

## 6. O IMAGINÁRIO E AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DO FUTEBOL

O conceito de relações de poder é, muitas vezes, confundido com o próprio conceito de poder. Muitos são os equívocos que podem ser encontrados nos diversos autores que tentaram conceituar o poder. Faria (2000) apresenta as inadequações conceituais dadas ao poder e suas utilizações equivocadas, que são confundidas, freqüentemente, com a própria expressão relações de poder (Quadro 7). O que se observa, portanto, é a confusão conceitual entre poder e relações de poder, em que o exercício do poder é a sua concretização, de maneira que o sentido do poder somente pode ser compreendido quando das relações de poder, quando das práticas (FARIA, 2000). Assim,

O poder é definido como a capacidade que tem uma classe social (ou uma fração ou segmento), uma categoria social ou um grupo (social ou politicamente organizado) de definir e realizar seus interesses objetivos específicos, mesmo contra a resistência ao exercício desta capacidade e

independentemente do nível estrutural em que tal capacidade esteja principalmente fundamentada. O exercício do poder adquire continuidade e efetividade política quando do acesso do grupo ou da classe social ao comando das principais organizações, das estruturas institucionais ou políticas da sociedade, inclusive aquelas criadas como resultado de um processo de transformação, de maneira a por em prática ou a viabilizar tal exercício. (FARIA, 2000, p. 17)

A capacidade de realizar interesses, entretanto, não se limita à condição interna dos grupos, mesmo sendo de extrema importância. Estes grupos dependem da interação com os outros grupos e de suas capacidades de realizar seus objetivos. "Uma classe ou grupo, portanto, não possui um poder ilimitado. Seus limites estão fixados tanto por suas condições internas, quanto pelas relações externas e, no sentido das práticas, tais limites serão mais restritos ou mais amplos quanto mais efetivas forem a coesão da unidade interna e as estratégias das lutas externas." (FARIA, 2001, p. 15) Desta forma, os grupos podem fazer alianças estratégicas, associações, acordos, parcerias, concessões para atingirem seus objetivos específicos.

Nos grupos ligados a um clube de futebol, as relações de poder são uma prática constante. "A relação de poder num espetáculo de futebol profissional diz respeito basicamente a torcedores, jogadores, diretores e imprensa." (AFONSINHO, 1999, p. 95) Não se pode esquecer, no entanto, que a comissão técnica, na qual o treinador é a figura mais representativa, tem papel importante nas relações de poder. Nas seqüências de maus resultados, muitas vezes, a culpa é direcionada ao técnico; mesmo que os problemas sejam exteriores ao seu domínio, é mais simples demiti-lo e acreditar que a mudança criará uma nova vida para todos. Os torcedores alimentam a expectativa de que o novo técnico, desde que seja de agrado da maioria, possa fazer com que o time volte a vencer e possa levá-lo ao nível dos grandes times, idéia esta já registrada na memória do torcedor. Para a imprensa, a contratação de um novo técnico tem uma expectativa vinculada a seu desempenho anterior em outros clubes e a seu passado de campeão. Portanto, o imaginário é alimentado pela comunicação da mídia quanto à nova contratação de um técnico, de acordo com a capacidade de passar a informação aos seus ouvintes/telespectadores/leitores. Torna-

se necessário, também, incluir o técnico e a comissão técnica com um grupo primordial nas relações de poder estabelecidas entre os interessados diretos da organização e seu ambiente relacional.

As relações de poder nos grupos ligados ao futebol são influenciadas pelo imaginário individual e coletivo (MELANI, 1999). O funcionamento tanto interno, quanto externo (com outros grupos) está em constante alteração na medida em que a dinâmica estabelecida encontra-se em mudanças ocasionadas pelos sentimentos ambivalentes de caráter libidinal, influenciada pelo imaginário social que o futebol instaura na sociedade brasileira e nas instâncias ligadas a ela – torcedores, imprensa, jogadores, dirigentes, comissão técnica (MURAD, 1996). Assim, no dia-a-dia do futebol, as perspectivas são mutáveis em curtos espaços de tempo, encontradas em outras poucas situações e instâncias sociais, levando os clubes de futebol a adaptar-se com a mesma rapidez em que ocorrem as mudanças de cenários. O que seria, portanto, o exercício do poder – as relações de poder entre os grupos futebolísticos – adquire características de relacionamento próximas às atitudes de coação, coerção, influência, temor, medo, imposição disciplinar, etc.

Algumas temáticas avaliadas – os campeonatos e as expectativas imaginárias, as evasões dos torcedores dos estádios, o preço dos ingressos e a realidade econômica brasileira, as desorganizações dos campeonatos, as contratações e a saída de jogadores, a violência no futebol, as trocas de técnicos, as crises com as arbitragens – despertam dinâmicas distintas e particulares. Todavia, é possível verificar um movimento de credibilidade e de poder ante as ações tomadas e corroboradas por grupos que se associam ou entram em conflitos diretos dependendo das circunstâncias, racionalidades e subjetividades envolvidas no fato histórico.

## 7. OS CAMPEONATOS DISPUTADOS

Analisado os campeonatos disputados, ou seja, as seqüências de sucessos e fracassos, é possível chegar a conclusão que:

- i. Nos campeonatos nacionais em que o Clube Atlético Paranaense foi desclassificado percebe-se que a frustração é grande, pois a

expectativa em obter um título inédito é de todos os grupos<sup>ii</sup>. Quando há uma derrota que desclassifica o time sobram culpados e quase sempre ninguém é poupado. A imprensa elege os culpados e todos os demais grupos procuram as melhores justificativas para amenizar a derrota. Os torcedores, quase sempre, revoltam-se e escolhem os culpados: jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros, enfim, quem pode abarcar a culpa e aliviar esse sentimento negativo;

ii. No campeonato regional há um sentimento de impotência após a derrota. Sobretudo porque a desclassificação ocorre por um time considerado "menor" ou "pequeno". Atingi-se um momento crítico em que os valores e as ações são revistas. Há o questionamento da grandiosidade do clube. Entretanto, esse questionamento é logo desconsiderado, pois o poder de mistificação é maior que a racionalização. Elegem-se os culpados entre os grupos envolvidos;

iii. Na conquista do campeonato estadual cria-se um sentimento de euforia. Mas, ao mesmo tempo, esse sentimento é temporário. Não tem como esquecer do grande desejo de todos os grupos: o título nacional. Mesmo assim, os heróis são apresentados, ganham força e alguns jogadores são exaltados;

iv. A grande conquista nacional, o Campeonato Brasileiro, é o auge da euforia. Emoções, sentimentos, memória, enfim, todas as categorias que envolvem a dinâmica do imaginário dos grupos, bem como o poder de cada um atinge o ápice. Todos são exaltados. A realização de um desejo consolida quase todos como vitoriosos. Novos ídolos, heróis e, possivelmente, mitos. A dinâmica do imaginário articula-se para fomentar novas relações de poder, em que os indivíduos dos grupos são os "escolhidos" para ocuparem o "paraíso" no imaginário do poder.

## 8. O IMAGINÁRIO DO PODER E O PODER DO IMAGINÁRIO NO FUTEBOL: POR UMA CONCLUSÃO

A formação do imaginário se dá pela relação interativa entre os fatos reais e concretos e as racionalidades e subjetividades decorrentes dela. As várias formas discursivas, representadas na escrita, na fala e no não dito, são responsáveis por compor o imaginário coletivo diferenciado

que, no entanto, na totalidade, denotam uma "visão" comum da realidade. Deve-se observar que nos discursos específicos dos grupos o ato discursivo não é permitido livremente. A crescente modificação nas estruturas das organizações que o gerenciam traz uma ideologia subjacente que incorpora os valores ideológicos capitalistas, nos quais a regra do lucro impera.

Por este motivo é que o futebol está submetido às manifestações de poder (dominação, autoridade, coerção, atos de violência etc.) da atualidade, configurando-se como mais um local dos conflitos sociais e das realizações individuais e coletivas da sociedade. Na luta pelo poder, os discursos são formas de monitorar o imaginário e as relações concretas que se instituíram. Tendo o cuidado de identificar quais os vínculos grupais que estão presentes nas relações, percebe-se que cada grupo analisado (diretoria, comissão técnica, jogadores, imprensa e torcedores) tem o seu discurso controlado e controla o discurso do outro; todavia, este discurso é monitorado com a preocupação de compreender sua origem e manifestação dentro da dinâmica dos grupos subjacente a eles. Para compreender de que forma se cria, perpetua e modifica o imaginário coletivo, é necessário compreender quais são os fatores que engendram a articulação do discurso.

Como elementos essenciais encontram-se as emoções, os sentimentos ambivalentes, as lideranças, os conflitos instituídos, a auto-imagem, a imagem do outro e suas potencialidade imaginárias, os momentos reflexivos, o processo de auto-regulação, o controle social e as formas de manutenção do imaginário. É importante observar que estes elementos não devem ser vistos como funções que compõem o imaginário, pois tal perspectiva de análise levaria ao equívoco de tentar destituir a característica básica da instituição imaginária: seu caráter dialético.

É na busca pela emoção que o futebol torna-se atrativo. O contágio emocional que a massa proporciona, quando os grupos perdem a sua diferenciação no momento de torcer, faz do estádio de futebol o local da identificação coletiva. E nas vitórias ou nas derrotas dos jogos ou dos campeonatos que todos ligados à organização selam seus vínculos grupais em torno do projeto comum. Quando estes projetos, imaginariamente formados pelos grupos, estão ameaçados, as ações adotadas levam às mudanças nas relações materiais e sociais. Decorrentes disto, os conflitos entre os indivíduos e os

grupos surgem como algo natural. As situações de conflitos são intensificadas na medida em que a incerteza e as racionalidades não são suficientes para "controlar" as cenas vividas e que despertam sentimentos desagradáveis. A organização passa, então, a ser envolvida nos conflitos de forma contundente. Diretoria, jogadores, comissão técnica, imprensa e torcedores procuram incessantemente os motivos dos fracassos através do processo de auto-regulação.

A dinâmica dos grupos, portanto, é responsável pela formação do imaginário dos grupos. Cada caso apresenta uma instituição específica, por envolver fatos e acontecimentos que não repetem as mesmas características. Cada momento no futebol é um momento único. Cada derrota ou vitória é um fato isolado na história do clube. Os graus de intensidade, como são vividos pelos indivíduos, variam de acordo como os objetivos estão sendo realizados ou ameaçados na suas concretizações imaginariamente fomentadas anteriormente.

Para compreender de que forma os grupos formam seus imaginários, o processo social-histórico apresenta-se como aquele pelo qual a sociedade se transforma ao longo do tempo, referenciando as transformações pelas quais a sociedade (e os grupos que a compõem) passa. Como referência, analisar as características da ideologia do imaginário, do tempo e espaço imaginários, da memória imaginária, do processo de mitificação e mistificação no imaginário, é fundamental para compreender de que forma a sociedade se reproduz nas suas relações materiais e concretas e na sua forma imaginária.

A ideologia, no imaginário, exerce significativa influência na formação social-histórica. O futebol não está imune à ideologia econômica capitalista e a ideologia religiosa. As constantes negociações de jogadores levam a perda de identificação destes com o clube e, conseqüentemente, com a torcida. Por este motivo, as cobranças sobre os seus desempenhos passam a ser cada vez mais utilitaristas; entretanto, o futebol vive de incerteza, do imprevisível, do divino. Destarte, o aparecimento dos ídolos, dos heróis e do mito é uma necessidade que os grupos sentem para formarem referenciais sociais. Na organização estudada, um mito é identificado. Sua figura serve como exemplo máximo a ser seguido. Um imaginário específico é instituído e passa a ser referência de comportamento, regulando, assim, as relações sociais.

Os heróis, esperados a cada decisão de campeonato, ascendem como soluções imediatas para as angústias dos torcedores, dos dirigentes, da comissão técnica e até mesmo dos jogadores. Como "jogadores mágicos", sua figura expressa a esperança do final feliz e da concretização das expectativas imaginárias. Junto ao ídolo, são personagens que exercem significativo fascínio nos grupos. Suas figuras são dotadas de poder simbólico a partir das concretizações dos fatos reais. Assim, o processo histórico, revivido nas lembranças e nas noções de tempo e espaço, caracterizado por uma formação ideológica dominante e representado nos personagens mitificados do futebol, é transformado constantemente, possibilitando a relação dialética entre o real e o abstrato. Destarte, através da dinâmica dos grupos e da natureza social-histórica do imaginário é que a transformação pela relação entre o real (relações materiais) e o abstrato (imaginárias) se dá nas dimensões possíveis, ou seja, nas mudanças individuais e coletivas.

Entre os problemas encontrados no futebol atual, alguns se destacam. A violência é o que mais preocupa. Nos conflitos entre torcidas, na omissão das autoridades responsáveis, nas brigas entre jogadores, o futebol do estádio dá espaço para o futebol da televisão, o que não implica na perda da paixão por este esporte. No entanto, a violência limita os torcedores aos espaços sociais privados. O preço dos ingressos e a política de contratação e venda de jogadores surgem como temas do conflito entre diretoria e torcedores. Estes fatos fazem surgir opiniões divergentes quanto à credibilidade da diretoria frente aos torcedores. As relações são fragilizadas por conta de atos entendidos como impopulares pelos torcedores. Por estes motivos, a credibilidade de alguns grupos passa a ser questionada por outros. Deste modo, é possível perceber que tais fatos ganham ou perdem importância dentro da seqüência de jogos, mais especificamente dentro dos sucessos e fracassos.

Por esta via é que cada caso é um fato isolado no futebol. Não há momento igual ao que já ocorreu, embora haja semelhanças. Os diferentes personagens e as diferentes expectativas criadas dentro de uma competição dão subsídios para a elaboração única do imaginário específico àquele momento. Estes fatos podem ser verificados na análise dos campeonatos estudados, em que cada um apresenta elementos distintos que formam os imaginários dos grupos e,

conseqüentemente, mostram as diferenças que ocorrem nas relações de poder entre os mesmos. Tais diferenças ou situações, no entanto, em seu conjunto, permitem compor um quadro das relações que as representam e não que as condicionam.

Entre os campeonatos disputados, os nacionais são os que geram maiores expectativas nos grupos. O fato de não ter um título nacional, cobrança intensificada devido ao seu maior rival já ter conquistado um título deste porte, gerava cobranças maiores sobre a diretoria, os jogadores e a comissão técnica. Na Copa João Havelange de 2000, a desclassificação vem acompanhada do discurso de que o Clube Atlético Paranaense não é um time de tradição; na Copa do Brasil de 2001 o discurso foi a falta coragem para enfrentar times tradicionais em jogos decisivos; na Copa Sul Minas de 2001 o discurso foi o de que o elenco de jogadores era inapropriado para a grandiosidade que a torcida atribui ao clube. Mesmo a conquista do Campeonato Paranaense de 2001, já não soava como uma grande conquista, apesar

do discurso da mídia espetacularizar tal feito.

O imaginário instituído, motivado pelos desejos dos grupos, é da necessidade de conquista de um título nacional. Quando isto ocorreu, na conquista do Campeonato Brasileiro de 2001, um novo contexto social-histórico se formou. A dinâmica dos grupos se modificou e um novo imaginário se institucionalizou. As relações de poder passaram por uma transformação e atribuíram aos grupos ligados a organização a credibilidade que só os vencedores conseguem. As realizações inconscientes renderam-se às racionalidades que tentam explicar o sucesso da conquista. Mas como o futebol caracteriza-se pelas mudanças rápidas, novas expectativas são criadas. Novas dúvidas surgem: e o título da Copa Libertadores da América? Os jogadores campeões permanecerão no clube? E o técnico? Estas indagações fomentam o caráter dialético do imaginário. Assim, tal como afirma Bertold Brecht: o que é, por ser tal como é, não vai ficar tal como está.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AFONSIÑO. Democracia Justiça e Paz. In: COSTA, Márcia et al. **Futebol - espetáculo do século**. São Paulo: Editora Musa, 1999.
- ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- ANZIEU, Didier. **O grupo e o inconsciente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1997.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista - Editora Boitempo, 1997.

ENRIQUEZ, Eugène. **A organização em análise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARIA, José Henrique de. **Relações de poder nas organizações e nas instituições da sociedade**. Curitiba: UFPR/CEPPAD, 2000.

\_\_\_\_\_. **Economia política do poder e análise organizacional**. Curitiba: UFPR/CEPPAD, 2001.

FARIA, José Henrique de; MENEGETTI, Francis Kanashiro. Discursos Organizacionais. In: ENANPAD, 2001, Campinas. XXV Encontro Nacional da ANPAD. Campinas: **Anais...**, Campinas, 2001. CD-ROM.

FREUD, S. Psicologia dos grupos e análise do ego (1921). In: FREUD, S. **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HABERMAS, J. **Hannah Arendts Begriff der Macht**. Berlin, Deutschland: Merkur, 1976.

\_\_\_\_\_. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote - Nova Enciclopédia, 1990.

\_\_\_\_\_. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Madrid, España: Catedra, 1994.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora da USP, 1980.

KERNBERG, Otto F. **Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2000.



MELANI, Ricardo. O futebol e a razão utilitarista. In: COSTA, Márcia et al. **Futebol - espetáculo do século**. São Paulo: Editora Musa, 1999.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?!. In: CARRANO, Paulo César R. (Org.) **Futebol - paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORAES, Denis de. **O imaginário vigiado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça** : elementos básicos da sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NERI, Cláudio. **Grupo – manual de Psicanálise de grupo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.

RICHARDSON, Roberto J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Vol 1, 2 e 3. São Paulo: EPU, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos teóricos. In: \_\_\_\_\_; OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997a.

\_\_\_\_\_. Fundamentos técnicos. In: \_\_\_\_\_; OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997b.

\_\_\_\_\_. Atributos desejáveis para um coordenador de grupo. In: \_\_\_\_\_; OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997c.

YIN, R. K. **Case study research**: design and methods. Newbury Park, USA: Sage Publications, 1989.

---

<sup>i</sup> "Os interesses objetivos específicos são aqueles de natureza econômica, jurídica, política, ideológica e social definidos pelas classes ou grupos sociais como sendo indicativos de sua própria condição. Nesse sentido, o poder não é uma condição individual e tampouco um atributo coletivo. Trata-se de uma capacidade coletiva e, como tal, deve ser adquirida, desenvolvida e mantida, sendo que os indivíduos inserem-se em suas relações a partir de funções que desempenham no âmbito coletivo, de forma orgânica ou não, podendo influir, coordenar, liderar, representar, organizar e conferir legitimidade." (FARIA, 2000, p. 17).

<sup>ii</sup> O Clube Atlético Paranaense conquistou o título de Campeão Brasileiro em 2001, foi Vice-Campeão em 2004 e Vice-Campeão da Copa Libertadores da América em 2005.

**José Henrique de Faria**

Doutor em Administração (FEA/USP); Pós-Doutorado em Labor Relations (University of Michigan); Professor Senior (UFPR) Diretor Geral da UNIBRASIL.

**E-mail:** [jhdefaria@hotmail.com](mailto:jhdefaria@hotmail.com)

**Francis Kanashiro Meneghetti**

Mestre em Administração (UFPR); Doutorando em Educação (UFPR)

Professor e Coordenador de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da UNIBRASIL.

**E-mail:** [f.meneghetti@terra.com.br](mailto:f.meneghetti@terra.com.br)